

# debater

caderno  
formativo  
de **isca!**

3

[nacionalismo e esquerda no mundo]

## Connolly, heroi de Páscoa

www.iscagz.org  
info@iscagz.org



**isca!**





## I. Apresentação

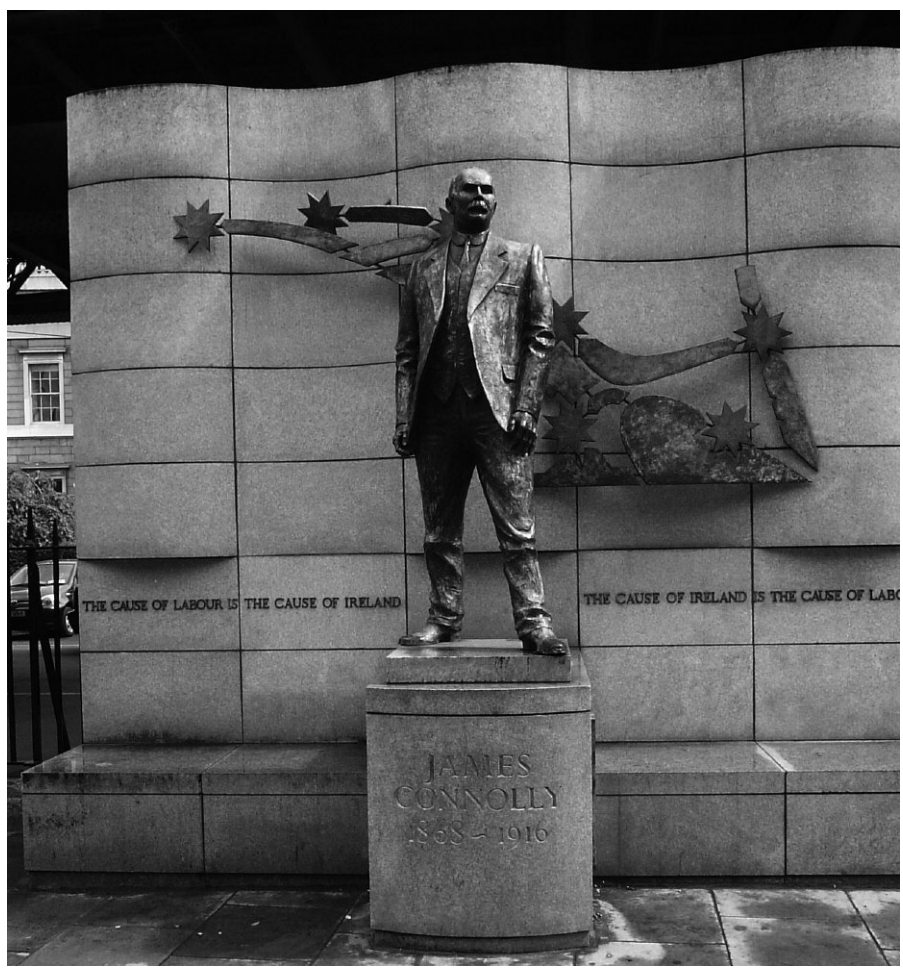
Estás a ler o caderno que da início a umha série que pretende chegar à nossa militância, ao nacionalismo galego, e toda aquel/a interessado/a, a voz de diversas personagens e as suas luitas nacionalistas e de esquerda no mundo.

De Isca! decidimos começar este modesto projecto de formaçom e divulgaçom que chamamos “Caderno Formativo. Nacionalismo e esquerda no mundo” debido ao interesse pola formaçom e o compromiso coa divulgaçom das diversas reflexons, escritos, histórias, e experiéncias nacionalistas e de esquerda que a nosa organizaçom mantén dende o seu nacemento como meta de funcionamento.

De Isca! escolhemos Irlanda para iniciar esta série de cadernos polo carácter exemplar que tem James Connolly como luitador entregado à causa do socialismo e da liberaçom nacional da Irlanda, naçom também paradigmática no que tem a ver com colonialismo sofrido na Europa Ocidental.

Há menos de cem anos que naceu um novo Estado em Irlanda. Há pouco mais de cincuenta que deixou de fazer parte da Commonwealth británica. Ainda hoje, deixam-se sentir as consequéncias da partiçom em 1921 da Ilha como resultado de umha independéncia fanada: a permanéncia de seis dos 32 condados no Reino Unido testemunha ainda a história dumha ocupaçom colonial na própria Europa, e as suas trágicas consequéncias durante décadas.

Por último, queremos que este Caderno seja também reivindicaçom do papel histórico das todas aquelas luitadoras e luitadores marxistas e nacionalistas na sua luita incansável contra o imperialismo e pola emancipaçom nacional e de classe. Porque como dizia o poeta e militante Neruda, a solidariedade é a tenrura dos povos, viva o internacionalismo!



## 2. Introdução a Connolly e à questão irlandesa

### James Connolly, herói de Páscoa.

James Connolly (5 Junho 1868 - 12 Maio 1916) nasceu em Escócia, filho de emigrantes irlandeses. De origens humildes, deixou a escola aos dez anos e começou a trabalhar de moço dos recados num jornal. Na adolescência serviu no Exército britânico, até os 21 anos.

A partir dos anos noventa do século envolve-se na luta política em Escócia, especialmente a sindical. Em 1896 despracha-se a Irlanda, criando pronto o Irish Socialist Republican Party (IRSP), pequeno partido mas que representa uma das primeiras tentativas de criar um partido republicano e socialista em Irlanda, e que, nas suas próprias palavras, *“foi fundado por um conjunto de trabalhadores aos que lograra interessar na proposta de que as duas correntes do pensamento revolucionário na Irlanda – a socialista e a nacional – eram antagónicas mas complementares”*. Ademais, criou o jornal Worker’s Republic e mesmo assistiram às jantanas da 2ª Internacional.

Mas Connolly deixou Irlanda para ir aos EUA em 1903 por dificuldades eco-

nómicas, e o partido caiu na inactividade, ao ser ele o seu maior activista. No tempo em que esteve nos EUA ficou membro do Socialist Labor Party of America (1906) e o sindicato IWW (Industrial Workers of the World), fundando ademais a Federação Socialista Irlandesa em Nova Iorque, 1907.

Ao seu retorno à Irlanda Connolly, centrou-se principalmente no labor sindical, e a partir de 1911 converteu-se na mão direita de James Larkin, dirigindo ambos a secção dublinesa do ‘Irish Transport and General Workers’ Union’. Ademais, em 1912 fundou o Irish Labour Party, sendo membro da sua Executiva nacional. Em 1913, durante as loitas dos trabalhadores contra a renúncia forçosa à filiação sindical exigida pela patronal, esta última decidiu iniciar um peche patronal (lockout) que durou 6 meses, sendo apoiada a patronal pelo IPP (Partido Parlamentar Irlandês) e a Igreja, no entanto 25.000 trabalhadores achavam-se em greve. Connolly, junto com um ex-oficial britânico, Jack White, fundaram o Exército Cidadão Irlandês (Irish Citizen Army, ICA), um corpo de sindicalistas armados e bem treinados

para se defenderem os grevistas, especialmente da brutalidade da Polícia metropolitana dublinesa. O ICA constituía um corpo duns 250 homes, e o seu objectivo final era o estabelecimento dumha Irlanda independente e socialista. Com o estourido da Ia Guerra Mundial, os homes do ICA posicionáram-se contra a participação irlandesa na guerra e a necessidade dumha revolta. Assim dará-se a confluência com a IRB na Revolta de Páscoa, como aginha veremos.

Com a derrota desta revolta James Connolly seria un dos últimos fuzilados, o 12 de maio de 1916, estando atado a unha cadeira devido às feridas sofridas na revolta.

## A luta pola emancipação nacional irlandesa

### A situação prévia à Revolta de Páscoa

Desde a integração formal de Irlanda no Reino Unido em 1800, sucedérom-se os intentos nacionalistas de pôr fim a esse domínio, tanto a través da luta política legal como de levantamentos armados por parte de sociedades militares como o acontecido em 1848 no meio da Grande Fame, acontecimento fulcral da história irlandesa, ou o da Irmandade Republicana irlandesa (IRB) em 1867.

Durante todo o século XIX, constituiram-se por Irlanda, como vimos, sociedades republicanas irlandesas, muitas delas de carácter militar e secreto. Em 1913 a IRB fazia parte da direcção dos Voluntários Irlandeses (*Óglaigh na hÉireann*) organização armada criada

à imagem dos Voluntários do Ulster, nados para impedirem a posta em prática do Home Rule.

O Home Rule, é dizer, a autonomia da Irlanda dentro do Reino Unido, era a reivindicação principal do Partido Parlamentar Irlandês (IPP), comandado por Parnell e criado em 1882 com o antecedente da Home Rule League. Este partido dominou a representação irlandesa em Londres desde 1885 e tentou por décadas implementar a autonomia, sendo o terceiro intento de Home Rule aprovado em setembro de 1914.

Mas esse ano estoura a I Guerra Mundial, e o Home Rule fica novamente postergado. A decisão dos Voluntários irlandeses de lutar ao lado dos soldados británicos, ademais, provocou a cisão do movimento dentro dum contexto social muito agitado, ficando os contrários a participar na guerra com o nome de Voluntários Irlandeses e formando os favoráveis com o nome de National Volunteers.

Por outro lado, como tínhamos visto, existia o Exército Cidadão Irlandês (ICA) criado por Connolly no curso das greves das que participara como dirigente sindical.

### Revolta de Páscoa (*Éirí Amach na Cásca*)

Na altura de maio de 1914, os Voluntários Irlandeses possuíam 180.000 membros. Após a cisão, ficou restrito a uns 14.000 membros. A sua direcção -exceito o máximo dirigente Eoin MacNeill- fazia parte da IRB, e tomara a decisão de executar um levantamento

armado para proclamar a independência de Irlanda aproveitando o envolvimento britânico na IGM. Connolly e o seu ICA também desejavam fazer o mesmo, pelo que em 1916 acabou fazendo parte do Comissom Militar, órgão de decisom do IRB composto por 7 pessoas: Patrick Pearse, Joseph Plunkett, Éamonn Ceannt, Tom Clarke, Seán MacDermott, James Connolly e Thomas MacDonagh, os depois assinantes da proclama da República de Irlanda.

Nos primeiros dias de Abril, Pearse, como Director de Organizaçom, ordena que para o Domingo de Páscoa se preparem diversas marchas e manobras por parte dos Voluntários, como sinal do levantamento. Mas MacNeill dessa prova as aççoes, e isso provocará que o 24 de Abril, segunda feira de Páscoa, grande parte dos Voluntários nom secundassem o alçamento.

A Revolta de Páscoa começou pois em 24 de Abril, com o apoio duns 1.100 homes em Dublin, dos que algo mais de douscentos pertenciam ao ICA, formando 700 deles quatro batalhons distribuídos pola cidade mais outros 400 que se reuniram no Liberty Hall baixo o mando de Connolly. A estes uniriam-se-lhes outros 2.000 fora da capital.

Nessa mesma segunda será lida a proclama da república de Irlanda, sendo nomeado Patrick Pearse presidente do Governo Provisório.

As tropas británicas, existentes num número de 2.500 em Dublin, concentrárom os seus esforços em assegurar o Castelo de Dublin e isolar o que pensavam eram os quartéis gerais dos insurgents, Liberty Hall. Já na terça, as

tropas británicas conseguem tomar a Casa do Concelho (City Hall), e na quarta chegam reforços desde Inglaterra, sendo bombardeada e incendiada Dublin. A maior resistência produziu-se no contorno da Oficina de Correios, quartéis gerais da revolta, mas no sábado 29 de Abril Pearse viu-se forçado a render-se ante a inutilidade de prolongar a resistência.

O resultado da Revolta deixou 60 mortos no lado republicano, e 132 do lado britânico, aos que há que somar 300 mortos civís causados pola batalha e os bombardeios. Por outro lado, a repressom abateu-se sobre os sobreviventes da revolta. Quinze pessoas fôrom fuziladas de entre os condenados a morte, uns noventa, entre elas os sete assinantes da proclama independentista. Ademais, das 3.509 pessoas detidas, uns 1.480 fôrom internados em campos de prisioneiros, sendo liberados ao longo dos seguintes meses. Na altura de dezembro de 1916 Michael Collins e outros seiscentos prisioneiros fôrom os últimos liberados, quando já a reacçom pública se volvera contra o governo britânico, devido à repressom desatada.

**Consequências.** Guerra de independência e Guerrra civil, República de Irlanda e Ulster.

Essa duríssima repressom da revolta de Páscoa incrementou a grande desafeçom cara Inglaterra, o que unido às protestas massivas contra o recrutamento forçado para a I Guerra Mundial, vai cambiar totalmente o panorama político e toda a história irlandesa. Assim, o Sinn Fein, partido que tomarám em 1917 os sobreviventes

do alçamento, acabará com o domínio do IPP e nas eleições parlamentares de 1918 conseguirá o 70% dos assentos em Westminster, 73 de 105, o 91% do total fora do Ulster; abandonando esse parlamento para constituir um parlamento irlandês: o Dáil Éireann, e reafirmando a proclama de independência feita na Revolta de Páscoa.

O mesmo dia em que o parlamento irlandês se constituía (21 de Janeiro de 1919), vários membros do IRA (Irish Republican Army, nome que tomárom os Voluntários Irlandeses leais ao novo Dáil Éireann) abatiam vários membros das unidades do exército inglês na Irlanda, o Royal Irish Constabulary (RIC), na açom que se considera o início da Guerra da Independência da Irlanda, que nom foi declarada oficialmente polo presidente do Dáil Éireann, Eamon de Valera.

No entanto os irlandeses construiam umha estrututra estatal separada da inglesa (negativa de pagamento de impostos e criaçom de impostos irlandeses, por exemplo) nas amplas zonas liberadas polo IRA, maioritariamente rurais; as açõs armadas alcançárom o seu cénite nos começos de 1921. O convencimento da impossibilidade dumha vitória militar próxima, pola parte inglesa; e o temor do estancamento da guerra frente um inimigo que podia despregar umha força muitas vezes superior, por parte irlandesa; levárom a umha trégua em julho de 1921, ocasionalmente rota, e à posterior negociaçom. Em dezembro chegava-se a um acordo, o Tratado anglo-irlandês, que rematava umha guerra em que umhas 1.400 pessoas perdérom a vida no sul de Irlanda.

Este Tratado instituía um “Estado Livre Irlandês” (“Irish Free State”) nos 26 condados que ainda hoje constituem o Estado irlandês, enquanto aos 6 condados do Ulster de maioria unionista permitia-se-lhes ficar fora do novo Estado à sua vontade, cousa à que o parlamento norirlandês criado por Londres obviamente fijo. Este “Estado Livre” constituia umha quase-independência para Irlanda, mas esta seguia ligada à Inglaterra por laços semelhantes aos de Canadá ou Austrália (que incluíam um juramento obrigado ao rei inglês), nom sendo umha completa independência.

Este Tratado levou a umha profundíssima ruptura no movimento nacionalista: o Parlamento aprovou-no por estreita margem (64 a 57) em janeiro de 1922, rompeu o IRA em dous (pró-Tratado e anti-Tratado) e também ao Sinn Fein: liderando os pró-tratado Michael Collins, que fora um dos negociadores, nos anti-tratado De Valera. Finalmente meses depois, e após umhas eleições no meio de violência que ganárom os pró-Tratado, desatou-se umha guerra civil.

Na guerra civil, a maioria do IRA e do território rural estava em maos dos anti-Tratado; a capital Dublin e o governo irlandês, com os seus recursos, nos pró-Tratado. O IRA pro-Tratado, convertido no “National Army” (exército nacional), após vários meses (finais de 1922 – começos de 1923) tinha praticamente ganada a guerra, e em Maio de 1923 tanto De Valera como o jefe militar do IRA anti-Tratado declaravam o cessar-fogo. A guerra iria causar, no seu cálculo superior, umhas 4.000 mortes.

A guerra civil marcou por décadas Irlanda, e ainda hoje os dous principais partidos políticos som os herdeiros respeitivos de cada bando: o Fianna Fáil, dos anti-tratado; e o Fine Gael, dos pró-tratado. O Fianna Fáil criou-se três anos depois da guerra, quando De Valera e a maioria da parte anti-tratado do Sinn Fein marchou do partido e tomárom possessom das suas actas no parlamento do “Free State”. O processo à plena independencia formal prolongou-se anos. Desde 1932 o Fianna Fáil gana várias eleições, e estando no governo eliminárom partes do tratado com que nom concordavam: o juramento, um Senado dominado polos antigos unionistas, e proclamárom umha nova Constituição (1937) sem nenhuma mençom a Inglaterra que fazia o presidente a cabeça do Estado, e que incluía umha reclamaçom sobre o norte de Irlanda. Finalmente, em 1948, baixo umha coaligaçom governamental que incluía elementos das duas partes no conflito, o “Free State” abandona a Commonwealth e será renomeado como República de Irlanda, tal como hoje a conhecemos.

Mas a questom do Ulster ficou pendente. A Guerra Civil do sul (1922-1923) permitiu a consolidaçom da sua permanência na Grám Bretanha, ainda que mais de 500 pessoas morriam vítima de confrontos civís durante esse tempo, a maioria republicanos. O Ulster viveu um periodo de apartheid de facto durante décadas, onde os republicanos (algo mais do 30% na época) estavam discriminados na sociedade. Nos anos sessenta surgiu um potente movimento de defesa dos direitos civís dos republicanos e também o chamado IRA provisório, (P)IRA, resultado

dumha cissom no antigo IRA que ficara no norte. A brutal repressom britânica deu força a ambos, e desencadenou-se durante os últimos 30 anos umha nova onda de confronto e violência política entre a comunidade republicana e o (P)IRA por um lado; e o Exército britânico, acantonado no Norte, os paramilitares unionistas e a sua comunidade pola outro. Esta época rematou em 1998 com os Acordos de Venres Santo (“Good Friday Agreement”), abrindo-se umha nova na que estamos, onde estes acordos se estám a implementar: o (P)IRA desmilitarizou-se, a maior parte do Exército britânico abandonou o Ulster, e existe um novo governo norirlandês compartilhado por ambas comunidades, onde está presente o Sinn Fein, que nom renúncia à futura reunificaçom, ainda pendente.

## O marxismo e a questom de Irlanda

O relacionamento do marxismo com as luitas de liberaçom nacional e o nacionalismo em geral é umha questom feramente debatida, com múltiplas e mesmo contrapostas visons das suas convergências e divergências. Seria impossível abordar aquí esse debate, assim que só nos centraremos em delinhar brevemente as posturas dos clássicos marxistas sobre a questom nacional irlandesa.

Já na época de Marx e Engels a questom irlandesa foi objecto da sua atençom, e podemos ver como a sua posiçom, ainda que com umhas bases permanentes, foi variando com o tempo. As bases das sua posiçom som as atingentes à questom da luta de

classes colocada na sua concreção na Irlanda. Marx explica mui claramente o que acontecia na Irlanda, “um novo e gigantesco processo de saqueio” a maos dos colonialistas ingleses, que obrigou a mais da metade da população a abandonar para sempre o seu país.

Num primeiro momento, Marx e Engels opinavam que a solução à opressão dos irlandeses, nomeadamente a provocada pelos grandes terranentes ingleses, viria da vitória operária em Inglaterra. Porém, rematarom por inverter radicalmente as prioridades e afirmar o contrário, que seria a vitória nacional irlandesa a necessária para conseguir a liberdade do proletariado inglês. Assi, Marx afirma claramente que o futuro do proletariado inglês também passa pola liberdade de Irlanda:

“No momento em que a união coerciva entre os dois países cessar, reventará na Irlanda uma revolução social, ainda que segundo formas antiquadas. O sistema de senhores da terra inglês não apenas perderá uma fonte significativa das suas riquezas como também *a sua maior força moral* — a força de *representar a dominação da Inglaterra sobre a Irlanda*. Por outro lado, enquanto mantiver o poder daquele na Irlanda, o proletariado inglês torna os seus landlords invulneráveis na própria Inglaterra (...) O operário inglês vulgar odeia o irlandês como um concorrente que faz baixar os salários e o *Standard of life*. Tem por ele antipatias nacionais e religiosas. Considera-o quase com os mesmos olhos com que os poor whites dos Estados do Sul da América do Norte consideravam os escravos negros. Este antagonismo entre os prole-

tários na própria Inglaterra é atizado e mantido desperto artificialmente pela burguesia. Ela sabe que esta cisão *é o verdadeiro segredo da conservação do seu poder*”.

Na obra sobre “A questom irlandesa” escreve:

“Pouco a pouco cheguei à convicção, falta apenas inculcá-la na classe operária inglesa, de que ela nada poderá fazer de decisivo, aqui na Inglaterra, enquanto não romper da maneira mais clara, em sua política irlandesa, com a política das classes dominantes; enquanto não associar seus interesses aos dos irlandeses, também não tomará a iniciativa de dissolução da União forçada de 1801 e de sua substituição por uma confederação igualitária e livre. É preciso visar esta meta, não por simpatia à Irlanda, mas como uma reivindicação no próprio interesse do proletariado inglês. Senão, o povo inglês continuará a ser tutelado pelas classes dirigentes, pois ele é obrigado a unir-se a elas para enfrentar a Irlanda”.

Marx infere pois que tam só a libertação do povo oprimido permite superar os odios nacionais e unir os operários de todas as nações contra os capitalistas, que a liberdade dos oprimidos tem um efecto positivo em contra das bases económicas das classes dominantes da nação dominadora e que polo tanto contribui também à luta da classe operária desta nação, até o ponto de que esta classe nom poderá ser livre enquanto a sua nação oprima a outra. Obviamente, esta nova conceição supom umha redefinição das prioridades e a defesa dumha aliança estratégica entre o movimento de libertação nacional e o operário.

Desde algumas vozes do marxismo, existírom críticas aos fennians e à Revolta de Páscoa, alcumando a reivindicação de nacionalismo burguês, rejeitando-a. Como era de aguardar, desde o socialismo inglês valorou-se negativamente a revolta: podemos citar o líder sindical Bem Tillett ou os jornais *Forward* (“*um homem deve ser ou nacionalista ou internacionalista*”) ou o *Socialist Review*, do Partido Laborista Independente. Mas também poderíamos citar o marxista Radek, que afirmava que “a questom irlandesa era umha questom agrária” que já chegara ao seu fim, sendo o levantamento “puramente urbano, movimento pequeno-burguês (...) que nom tinha muito apoio social”. Mesmo Trotski num tom mais benévolo, afirmava que “o experimento dunha rebeliom nacional irlandesa (...) já rematou. Mas o papel histórico do proletariado irlandês nom fijo senom começar”

Porém, desse fio de Marx, que fala das possibilidades da explosom revolucionária no “elo mais feble”, será do que tirará o Lenine revolucionário quando salte sobre as férreas “leis do desenvolvimento das forças produtivas” e proponha nas suas Teses de Abril a caducidade da revolução democrático-burguesa russa e a necessidade da passagem para a revolução socialista. Na sua avaliação da revolta de Páscoa em 1916, Lenine adjectiva a afirmaçom de Radek como de “monstrosamente doutrinária e pedante” e dá mostra da sua visom positiva desta e do seu ênfase nas condições políticas e sociais das sociedades:

“Imaginar que a revolução social pode ser concebida sem revoltas por parte

das pequenas naçoms nas colónias e em Europa sem as explosoms revolucionárias dumha secçom da pequena burguesia com todos os seus prejuízos, sem um movimento dum proletariado nom consciente e umha massa semi-proletária contra a opressom nacional e as opressoms dos terra-tenentes, igrejas, monarquias ou qualquer outra opressom, imaginar isso quereria dizer repudiar a revolução social (...) Quem aguarde a ver umha revolução social “pura”, nunca chegará a vê-la na sua vida. Umha pessoa assim seria revolucionária de palavra, sem compreender o que é realmente a revolução”<sup>2</sup>

Ademais, no julgamento positivo de Lenine influi umha distinçom fundamental que remarca no artigo, assim como várias vezes ao longo da sua vida: naçoms opressoras vs naçoms oprimidas, como delinha no seu “Sobre o direito das naçoms à autodeterminaçom”, de 1914<sup>3</sup>, ou “Rascunho de tese sobre os problemas nacional e colonial” para a II Internacional Comunista, de 1920<sup>4</sup>

A história posterior viria dar a razom às posturas mantidas por Lenine em torno à vigência das luitas nacionais contra o imperialismo, como pudemos ver nas consequências que esta revolta tivo para a história irlandesa.

### Notas

1 Umha Participaçom Confidencial foi escrita por Marx por volta de 28 de Março de 1870, no quadro da agudizaçom da luta dos partidários de Bakúnine dentro da Internacional contra o Conselho Geral.

Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1870/03/28.htm>

2 Do apartado “A rebeliom irlandesa de 1916”, escrito em junho de 1916, disponível em

<http://www.marxists.org/archive/lenin/work/s/1916/jul/x01.htm>

3 “Na medida em que a burguesia da nação oprimida luta contra a opressora, nessa medida nós somos sempre e em todos os casos e mais decididamente que ninguém a favor, pois nós somos os inimigos mais audazes e conseqüentes da opressão. Na medida em que a burguesia da nação oprimida defende o seu nacionalismo burguês, nós somos contra. Luta contra os privilégios e as violências da nação opressora e nenhuma tolerância para com a aspiração aos privilégios por parte da nação oprimida”

<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/auto/index.htm>

4 “dividir netamente as nações em: nações oprimidas, dependentes, sometidas, e nações opressoras, exploradoras, soberanas, para contrarrestar a mentira democrático-burguesa, a qual encobre a escravização colonial e financeira – coisa inerente à época do capital financeiro e do imperialismo- da enorme maioria da população da terra por umha insignificante minoria de países capitalistas”

<http://www.marxists.org/archive/lenin/work/s/1920/jun/05.htm>



The National Executive of the Irish TUC and Labour Party, 1914

## Socialismo e nacionalismo irlandês

James Connolly **L'Irlande Libre**, Paris 1897

A vida pública da Irlanda tem estado geralmente tam identificada com a luta pola emancipação política que, normalmente, o aspecto económico da situação só recebeu por parte dos nossos historiadores e homens públicos umha atençom muito escassa.

O socialismo científico baseia-se na verdade contida nesta proposiçom de Karl Marx de “a dependência económica dos trabalhadores em relação aos monopolistas dos meios de produção é o alicerce da escravidom em todas as suas formas, a causa de quase toda a miséria social, o crime moderno, a degradação mental e a dependência política”. Assim, esse falso exagero das formas puramente políticas que vestírom na Irlanda a luta pola liberdade, deve parecer aos socialistas um inexplicável erro por parte de um povo tam duramente esmagado como o irlandês.

Mas o erro é mais aparente do que real.

Apesar da reaccionária atitude dos nossos líderes políticos, a grande maioria do povo irlandês sabe muito bem que, umha vez conquistada essa liberdade política pola qual lutam com tanto

ardor, teria de ser usada como um meio de redenção social antes de que o seu bem-estar fosse garantido.

Apesar do ocasional exagero dos seus resultados imediatos, devemos lembrar que a meio da sua determinada luta, tal como figérom, por esse definido objectivo político, os irlandeses estão a trabalhar nas linhas da actuação estabelecidas polo socialismo moderno como condiçom indispensável para o sucesso.

Desde o abandono do desafortunado insurreccionismo dos primeiros socialistas, cujas esperanças concentravam-se exclusivamente no trunfo final de umha sublevação e a luta nas barricadas, o socialismo moderno, confiando no método mais lento, mas mais seguro das urnas, dirigiu a atençom dos seus partidários cara a conquista pacífica das forças do governo em interesse do ideal revolucionário.

A chegada do socialismo só pode acontecer quando o proletariado revolucionário, em possessom das forças organizadas da naçom (o poder político do governo), consiga construir umha organização social conforme com o

avanço natural do desenvolvimento industrial.

De outra parte, o esforço cooperativo apolítico deve infalivelmente sucumbir face à oposiçom das classes privilegiadas, entrincheiradas tras as muralhas da lei e o monopólio. Isto é o motivo de, ainda sendo de um ponto de vista económico profundamente conservador, o nacionalista irlandês seja, mesmo com o seu falso raciocínio, um agente activo na regeneraçom social, na medida em que procura dotar de plenos poderes sobre o próprio destino um povo que, na prática, é governado em interesse de umha aristocracia feudal.

A seçom do exército socialista a que eu pertenço, o Partido Socialista Republicano da Irlanda, nunca procura ocultar a sua hostilidade para com aqueles partidos puramente burgueses que dirigem na actualidade a política irlandesa.

Mas, ao inscrevermos na nossa bandeira um ideal a que eles também rendem homenagem de palavra, nom temos intençom de aderirmo-nos a um movimento que pode desvalorizar a bandeira do socialismo revolucionário.

Os partidos socialistas da França oponhem-se aos meramente republicanos sem deixarem de amar a república. Do mesmo jeito o Partido Socialista Republicano da Irlanda procura a independência da naçom ao tempo que rejeita ajustar-se aos métodos ou recorrer aos argumentos dos nacionalistas chauvinistas.

Como socialistas, nom estamos imbuídos de ódio nacional ou racial pola lembrança de que a ordem política e social sob a qual vivemos foi imposta aos nossos pais com a ponta da espada; de que

durante setecentos anos a Irlanda resistiu esta injusta dominaçom estrangeira, de que a fome, a peste e o mau governo figérom desta ilha ocidental quase que um deserto e espalhárom os nossos compatriotas exilados por toda a face da terra.

A relaçom de feitos que acabo de mencionar nom da hoje em dia inspirado ou dirigido as energias políticas da classe operária militante da Irlanda; igual que nom é esse o alicerce da nossa resoluçom de libertar a Irlanda do jugo do Império Britânico. Antes reconhecemos que durante todos esses séculos, a grande maioria do povo britânico nom teve existência política nengumha, que Inglaterra estava política e socialmente aterrorizada por umha numericamente pequena classe governante; que as atrocidades que têm sido perpetradas contra a Irlanda som apenas imputáveis à ambiçom sem escrúpulos dessa classe, cobiçosa de se enriquecer à custa de homens indefesos; que até a actual geraçom à grande maioria do povo inglês negava-se-lhe voz no governo do seu próprio país; que é, portanto, manifestamente injusto acusar o povo inglês dos passados delitos do seu governo; e que, no pior dos casos, só poderíamos acusá-lo de umha apatia criminosa por se submeter à escravidom e permitir que o convertessem em instrumento de coerçom para a escravizaçom doutros. Umha acusaçom tam aplicável ao presente quanto ao passado.

Mas, embora rejeitemos basear a nossa açom política numha hostilidade nacional herdada e desejemos antes a camaradagem com os trabalhadores ingleses do que olhá-los com ódio, e

queiramos, como os nossos precursores, os Irlandeses Unidos de 1798, que os nossos ressentimentos fiquem enterrados com os ossos dos nossos antecessores, não há partido na Irlanda que acentue mais, como princípio essencial da sua fé política, a necessidade de separar a Irlanda de Inglaterra e de a tornar absolutamente independente. A olhos dos ignorantes e dos insensatos isto pode parecer inconsistente, mas tenho certeza que os nossos irmãos socialistas na França reconhecerão logo a justiça do raciocínio sobre o qual essa política assenta.

1. Mantemos que “a emancipação económica do trabalhador requer a conversão dos meios de produção em propriedade comum da sociedade”. Traduzido para a linguagem comum e para a prática política actual, isto ensina-nos que o caminho necessário a percorrer para o estabelecimento do socialismo requer a passagem dos meios de produção das mãos dos proprietários privados para as dos organismos públicos directamente responsáveis pelo conjunto da comunidade.

2. O socialismo procura, pois, em interesse da democracia, fortalecer a acção popular em todos os organismos públicos.

3. Os organismos representativos na Irlanda expressarão mais directamente a vontade do povo irlandês do que esses organismos quando residem em Inglaterra.

Umha república irlandesa será, pois, a depositária natural do poder popular, a arma da emancipação popular, o único poder que mostrará à plena luz

do dia todos esses antagonismos de classe e todos essas linhas de demarcação económicas hoje escurecidas pelas brêtemas do patriotismo burguês.

Nisto não há resíduo algum de chauvinismo. Desejamos manter com o povo inglês as mesmas relações políticas que com os povos da França, da Alemanha ou de qualquer outro país; a maior amizade possível, mas também a mais estrita independência. Irmãos, mas não companheiros de cama. Assim, inspirados por um outro ideal, guiados pela razão e não pela tradição, seguindo um curso diferente, o Partido Socialista Republicano Irlandês chega à mesma conclusão que o mais irreconciliável nacionalista. O poder governamental de Inglaterra sobre nós deve ser destruído, as ligações que nos atam a ela devem ser rotas. Tendo aprendido da história que todos os movimentos burgueses acabam num pacto, que os revolucionários burgueses de hoje se convertem nos conservadores de amanhã, os socialistas irlandeses rejeitam negar ou perder a sua identidade com aqueles que apenas entendem parcialmente o problema da liberdade. Procuram só a aliança e a amizade de aqueles homens que, amando a liberdade por si própria, não temem seguir a sua bandeira quando é ergueita pelas mãos da classe operária, aquela que mais precisa dela. Os seus amigos são aqueles que não duvidariam em seguir esse estandarte de liberdade, em consagrar as suas vidas ao seu serviço mesmo se tal levasse à terrível arbitragem da espada.

**POBLACHT NA H EIREANN,  
 THE PROVISIONAL GOVERNMENT  
 OF THE  
 IRISH REPUBLIC  
 TO THE PEOPLE OF IRELAND.**

**IRISHMEN AND IRISHWOMEN** In the name of God and of the dead generations from which she receives her old tradition of nationhood, Ireland, through us, summons her children to her flag and strikes for her freedom.

Having organised and trained her manhood through her secret revolutionary organisation, the Irish Republican Brotherhood, and through her open military organisations, the Irish Volunteers and the Irish Citizen Army, having patiently perfected her discipline, having resolutely waited for the right moment to reveal itself, she now seizes that moment, and, supported by her exiled children in America and by gallant allies in Europe, but relying in the first on her own strength, she strikes in full confidence of victory.

We declare the right of the people of Ireland to the ownership of Ireland, and to the unfettered control of Irish destinies, to be sovereign and indefeasible. The long usurpation of that right by a foreign people and government has not extinguished the right, nor can it ever be extinguished except by the destruction of the Irish people. In every generation the Irish people have asserted their right to national freedom and sovereignty, six times during the past three hundred years they have asserted it in arms. Standing on that fundamental right and again asserting it in arms in the face of the world, we hereby proclaim the Irish Republic as a Sovereign Independent State, and we pledge our lives and the lives of our comrades-in-arms to the cause of its freedom, of its welfare, and of its exaltation among the nations.

The Irish Republic is entitled to, and hereby claims, the allegiance of every Irishman and Irishwoman. The Republic guarantees religious and civil liberty, equal rights and equal opportunities to all its citizens, and declares its resolve to pursue the happiness and prosperity of the whole nation and of all its parts, cherishing all the children of the nation equally, and oblivious of the differences carefully fostered by an alien government, which have divided a minority from the majority in the past.

Until our arms have brought the opportune moment for the establishment of a permanent National Government, representative of the whole people of Ireland and elected by the suffrages of all her men and women, the Provisional Government, hereby constituted, will administer the civil and military affairs of the Republic in trust for the people.

We place the cause of the Irish Republic under the protection of the Most High God, Whose blessing we invoke upon our arms, and we pray that no one who serves that cause will dishonour it by cowardice, inhumanity, or rapine. In this supreme hour the Irish nation must, by its valour and discipline and by the readiness of its children to sacrifice themselves for the common good, prove itself worthy of the august destiny to which it is called.

Signed on Behalf of the Provisional Government,

THOMAS J. CLARKE,

SEAN Mac DIARMADA,

THOMAS MacDONAGH,

P. H. PEARSE,

EAMONN CEANNT,

JAMES CONNOLLY,

JOSEPH PLUNKETT.

## O que é umha naçom livre?

James Connolly **Workers' Republic**, 12 de Fevereiro de 1916

Estamos impelidos a fazer tal pergunta pola extraordinária confusom de pensamento sobre esta matéria que predomina no país, devido principalmente ao lixo pernicioso e enganador com que a prensa tem alimentado o público irlandês durante os últimos vinte e cinco anos.

Os nossos jornais irlandeses figérom tudo o humanamente possível para confundir a opiniom pública sobre a questom de quais som os elementos essenciais dumha naçom livre, do que umha naçom livre deve ser, e do que umha naçom nom pode renunciar sem perder o seu status de naçom livre.

É por esta extraordinária ignorância criada polos jornais que achamos tanta gente alistando-se no exército britânico na crença de que Irlanda tem conseguido por fim a categoria de naçom livre, e que polo tanto as relaçons entre Irlanda e Inglaterra por fim tenham sido situadas na satisfatória base da liberdade. A Irlanda e Inglaterra, dixe-lhes, som agora naçons irmãs, unidas no vencelho do Império, mas cada umha delas goçando de liberdades iguais, as liberdades iguais de naçons igualmente livres. Seria difícil de esti-

mar quantos recrutas tem enviado esta idea ao exército britânico no primeiro ardor da guerra, mas pode-se assegurar que em número de milheiros.

O Partido Parlamentar Irlandês, que em cada fase do jogo do “Home Rule” foi burlado e acosado por Carson e os Unionistas, que tem cedido em cada ponto e feito todas as concesons à eficaz campanha da aristocrática máfia militar orangista em tempos de paz, comporta-se hoje com igual covardia e traiçom na crise da guerra.

Há poucos homens em que o estourido dos clarins de guerra nom erga o instinto de luta, nom excite, ainda que for um momento, alguns instintos cabaleirescos. Mas o Partido Parlamentar Irlandês deve considerar-se entre esses poucos. Entre eles os clarins de guerra só espertarom o impulso de vender os corpos dos seus compatriotas como carne de canom a câmbio dos graciosos sorrisos dos governantes de Inglaterra. Neles o chamado da guerra souo só como um chamado para se prostituírem. Sentírom o chamado da guerra, e encorajaram-se a provarem que os nacionalistas de Irlanda escravizam-se mais que os orangistas de Irlanda, que

matariam e morreriam ainda mais dispostos ao pedido dum Império que despreça ambos.

Os orangistas ao menos tinham a satisfação de serem chamados a lutar no estrangeiro com o objectivo de salvarem o Império que estavam preparados para manter inalterado na casa, mas os nacionalistas foram chamados a lutar no estrangeiro para salvarem um Império cujos governantes, nos seus momentos mais generosos, rejeitáram garantir à sua pátria o fundamental das liberdades nacionais.

Luitando no estrangeiro o orangista sabe que luta por preservar o poder dos governantes aristocráticos aos que apoia na casa, lutando no estrangeiro o soldado nacionalista está lutando para manter intacto o poder de aqueles que conspiram para abatê-lo na casa quando pede umha pouca liberdade.

O orangista di: “Luitaremos polo Império no estrangeiro se os governantes prometem que nom nos forçarám a submeter-nos ao Home Rule”. E os governantes dim de coração: “É impen-sável que vamos coaccionar o Ulster a um propósito tal”

O Partido Parlamentar Irlandês e a sua prensa di: “Provaremo-nos dignos de pertencer ao Império Britânico lutando por ele, na esperança que depois da guerra conseguiremos o Home Rule”. E os governantes do Império britânico dim: “Bom, conhecedes o que prometimos a Carson, mas mandai o restrobalho irlandês a lutar por nós e nós, ehem, consideraremos a vossa petição depois da guerra”. Ante o qual, todos os líderes parlamentares e a sua prensa ponhem o mundo de testemunha de que ganháram umha vitória maravilhosa!

James Fintan Lalor falou e descreveu Irlanda como “umha raínha destrozada, recuperando o seu a maõ armada”. Os nossos parlamentares tratam a Irlanda, o seu país, como umha velha prostituta vendendo a sua alma polos favores que virám, e nessa conceição do seu país estão a conduzir a sua campanha política.

Que fossem capazes de fazer tal ainda com sucesso parcial que durante um tempo acompanhou a sua apostasia, só foi possível porque muito poucos em Irlanda realmente percebem a resposta à questom que aparece no cabeçalho deste artigo

O que é umha nação livre? Umha nação livre é aquela que possui controlo absoluto sobre todos os seus próprios poderes e recusos internos, e aquela que nom tem restrição no seu relacionamento com todas as outras nações às que se assemelha, além das restrições colocadas pola natureza. É esse o caso da Irlanda? Se o “Home Rule” estivesse a funcionar, seria tal o caso da Irlanda? A ambas as questons, a resposta é: nom, mais enfaticamente, NOM!

Umha nação livre deve ter controlo completo sobre os seus próprios portos, para abrí-los ou fechá-los a vontade, ou excluir qualquer mercadoria, ou permitir-lhe entrar, tal como se ajeitasse melhor ao benestar do seu próprio povo, e em obediência aos seus desejos, inteiramente livre de interferências doutra nação, e sem atenção nengumha aos desejos de qualquer outra nação. Menos desse poder nengumha nação possui os elementos essenciais da liberdade.

Possui Irlanda tal controlo? Nom. Dará o “Home Rule” tal poder sobre os por-

tos irlandeses em Irlanda? Nom tal. Irlanda debe abrir os seus portos quando o demandem os interesses doutra nação, Inglaterra, e debe pechar os seus portos quando o demandem os interesses doutra nação, Inglaterra, e a lei do “Home Rule” compromete a Irlanda a aceitar essa perda de controlo nacional para sempre.

Aceitariades viver numha casa se as chaves das portas dessa casa estivessem nos petos do rival que vos tem roubado amiúde no passado? Estariades satisfeitos se vos dicessem que ides ser amigos para sempre, mas insistisse em assinar um acordo que lhe deixasse o controlo de todas as tuas portas e a custódia de todas as tuas chaves? Esta é a situação de Irlanda hoje, e será a situação de Irlanda baixo o prezado “Home Rule” de Redmond e Devlin.

Por isso vale a pena morrer em Flandres, nos Balcans, Egipto ou a Índia?

Umha nação livre dever ter plenos poderes para fomentar as suas indústrias, quer polos incentivos do governo quer pola proibição de venda de mercadorias de rivais estrangeiros. Poderia ser parvo fazer qualquera das duas, mas umha nação nom é livre se nom tem esse poder, como todas as nações livres do mundo têm hoje. Irlanda nom tem tal poder, e nom terá tal poder baixo a “Home Rule”. O fortalecimento das indústrias na Irlanda dana os capitalistas em Inglaterra, polo que este poder é expressamente negado à Irlanda.

Umha nação livre debe ter plenos poderes para alterar, emendar, abolir ou modificar as leis baixo as quais se mantêm as propriedades dos cidadãos, em obediência à demanda dos próprios cidadãos de qualquer alteração,

emenda, abolição ou modificação. Todas as nações livres têm esse poder; Irlanda nom o tem, e o “Home Rule” nom lhe permitirá tê-lo.

Reconhece-se hoje que o futuro dumha nação depende dum sábio tratamento dos recursos e poderes econômicos, e de um sábio ordenamento das actividades sociais. A nação mais próspera e feliz será a que tem a visom de manejar cuidadosamente os seus recursos naturais cara aos fins nacionais. Mas a Irlanda nega-se-lhe este poder, e será-lhe negado baixo o “Home Rule”. Aos recursos naturais da Irlanda, e o génio amável dos seus filhos nom se lhes permite combinar-se para a satisfação do que querem os irlandeses, respeitados só enquanto operar baixo as linhas aprovadas polos governantes de Inglaterra.

O seu serviço postal, os seus telégrafos, a rádio, as alfândegas e impostos, o sistema monetário, as forças armadas, as relações com outras nações, o comércio, as relações de propriedade, as actividades nacionais, a soberania legislativa; todas essas cousas som essenciais para a liberdade dumha nação e negam-se-lhe agora a Irlanda, e son negadas baixo as previsions da lei do “Home Rule”. E soldados irlandeses no exército inglês estão a lutar em Flandres para ganhar para Bélgica, dim-nos, todas essas cousas que o Império britânico, agora como no passado, nega a Irlanda.

Nom há patriota belga que nom preferisse ver o seu país devastado pola guerra um cento de vezes antes que aceitar um acordo como o que Redmond e Devlin aceitárom para a Irlanda. Temos sido esculpados em barro mais ruim que os belgas?

Nom há pacifista em Inglaterra que desejasse rematar a guerra sem terem sido restaurados em Bélgica todos os direitos nacionais e poderes que a Irlanda nom possui, e que o “Home Rule” lhe nega. Mas esses mesmos pacifistas nunca mencionam a Irlanda quando discutem ou sugerem uns termos de acordo. Porque deveriam? Bélgica está a lutar pola sua independência, mas os irlandeses estão a lutar polo Império que nega a Irlanda todos os direitos polos que os belgas acham que vale a pena lutar.

E isso que Bélgica nom é como nação, para nos entender, mais do que umha criação de ontem, um produto artificial dos projectos dos estadistas. No entanto, as fronteiras da Irlanda, as inapagáveis marcas da existência diferenciada da Irlanda, som tam velhas como a própria Europa; obra do Tudo-poderoso, e nom dos políticos. E tal como as características da nacionalidade diferenciada da Irlanda nom foram feitas polos políticos, assim tam também nom podem ser desfeitas por eles.

O que um indivíduo representa na família, representa umha nação para a humanidade. A família perfeita é

aquela que melhor revela as capacidades pessoais do indivíduo, o mundo mais perfeito é aquel em que a existência separada das nações é mantido como o mais sagrado. Nom pode existir umha Europa perfeita se a Irlanda lhe for negado o menor dos seus direitos nacionais, nom pode haver umha Irlanda digna se o seus filhos arrastarem mansamente essa negativa. Se tal negativa foi aceite por gente sem alma, escravos dos políticos, entom debe ser repudiada polos irlandeses e irlandesas que ainda possuem alma própria.

O progresso pacífico do futuro requer que Irlanda possua todos os direitos nacionais que agora lhe som negados. Só possuindo tal poden os trabalhadores de Irlanda achar estabilidade e segurança para os frutos do seu trabalho duro e organização. Um destino que nom depende de nós tem escolhido esta geração como a chamada para o acto supremo de sacrifício, morrer se for preciso para que o nosso povo poda viver em liberdade.

Somos dignos dessa escolha? Só a nossa resposta a esse chamado pode contestar essa pergunta.

## A bandeira irlandesa

James Connolly **Workers' Republic**, 8 de Abril de 1916

O Conselho do Exército Cidadão Irlandês resolveu, depois de grave e séria deliberação, içar a bandeira verde da Irlanda sobre Liberty Hall, como fortaleza ocupada por Irlanda polas armas dos irlandeses.

Este é umha transcendental decisom na mais séria crise que Irlanda presenciou nos nossos dias e na nossa geração. Enviar, estamos certos, um arreguiço ao coração dos verdadeiros homens e mulheres irlandeses, e fará correr feramente o sangue vermelho nas veas de todo os amantes do povo.

Significa que no meio, e a pesar de, traiçõs e direcçõs erradas de lideres e guias, no meio e a pesar de todas as fraquezas, corrupçõs e covardia moral dumha parte do povo, no meio e a pesar de tudo isto, ainda resta em Irlanda um lugar onde um feixe de homens e mulheres estão preparados para reunir-se, içar e defender a bandeira feita sagrada por todos os sofrimentos de todos os mártires do passado.

Desde o mesmo começo desta terrível guerra olhamos cada símbolo da liberdade irlandesa profanado para utilidade do inimigo, presenciamos a

prostituição de cada sagrada tradição irlandesa. Para os moços da Irlanda serem seduzidos ao serviço da nação que nega todo direito nacional à sua pátria, olhamos apelos ao nosso amor à liberdade, aos nossos instintos religiosos, à nossa simpatia polos oprimidos, à nossa afinidade com os que sofrem.

O poder que durante setecentos anos manteve umha amarga e implacável guerra contra a liberdade da Irlanda, e que ainda declara que os direitos da Irlanda devem permanecer por sempre subordinados aos interesses do Império Britânico, apelou hipocritamente aos nossos moços a se alistar baixo a sua bandeira e verter o seu sangue “em defesa da liberdade”

O poder que reina na Irlanda foi umha longa feira de corrupção e libertinagem das virtudes cívicas, e que loitou para degradar e perverter quanto cada irlandês e irlandesa tem por sagrado, apelou a nós no nome da religião para lutar por ele como adail da cristandade.

O poder que mantém baixo si mais população da Terra que qualquer outro poder no globo, e que os mantém como

escravos sem garantia de liberdade ou poder para autogovernarem-se, o poder que enfrenta católicos contra protestantes, hindúes contra muçulmaos, o homem amarelo contra o mouro, e mantem-nos luitando entre eles no entanto ele os rouba e assassina a todos, este poder apela à Irlanda para enviar os seus filhos a batalhar baixo a bandeira de Inglaterra pola causa dos oprimidos. O poder cujo domínio tem feito da Irlanda um deserto, que fiço a história do nosso povo ler-se como o registo dum matadouro, enquanto planea a aniquilação de outro povo, apela à nossa virilidade para lutar por ela devido à nossa compaixom com os oprimidos e o nosso ódio pola opressom.

Durante geraçons estivo o trebo proibido como simbolo nacional da Irlanda, mas no apuro Inglaterra usa o trebo para incitar nos irlandeses parvos lealdade à Inglaterra. Durante séculos a bandeira verde de Irlanda era algo abominável e odiado polas guarniçons inglesas na Irlanda, assim como ainda o é no profundo dos seus coraçoms. Mas na Índia, no Egipto, em Flandres, em Galipoli, a bandeira irlandesa é usada polos nossos dominadores para encorajar os soldados irlandeses de Inglaterra a entregarem as suas vidas por um país que nega o seu direito à nacionalidade. Bandeiras verdes ondeiam sobre as oficinas de recrutamento em Irlanda e Inglaterra como cebo para atrair pobres parvos a umha morte desonrosa baixo uniforme inglês.

A pensa nacional de Irlanda, a verdadeira prensa nacional, nom corrupta nem aterrorizada, tem conseguido amplo sucesso em reverter a maré da desmoralizaçom, e em abrir a opiniom pública irlandesa ao reconhecimento

da verdade acerca da posiçom da sua pátria na guerra. A prensa nacional de Irlanda é a verdadeira bandeira da liberdade agitando-se por Irlanda a pesar do inimigo, mas também é bom que ondeasse em Dublin a bandeira verde deste país como um ponto de juntaça das nossas forças e encarnaçom de todas as nossas esperanças. Onde melhor poderia ondear essa bandeira que na invicta cidadela -e fortaleza- da classe trabalhadora irlandesa, Liberty Hall

Queremos umha Irlanda para os irlandeses. Mas, quem som os irlandeses? Nom o usureiro terratenente proprietário de casoupas, nom o negroiro capitalista amassador de benefiços, nom o lustroso e gordurento advogado, nom o jornalista prostituído; mentireiros alugados do inimigo. Nom som estes os irlandeses dos que depende o futuro. Nom desses, senom da classe trabalhadora irlandesa, o único alicerce seguro sobre o qual umha naçom livre pode ser levantada.

A causa dos trabalhadores é a causa de Irlanda, a causa de Irlanda é a causa dos trabalhadores. Nom podem ser dissociadas. Irlanda procura a liberdade. Os trabalhadores procuram que umha Irlanda livre seja a única dona do seu próprio destino, possuidora suprema de todas as cousas dentro e sobre o seu solo. Os trabalhadores procuran fazer da livre naçom irlandesa a guardiá dos interesses do povo de Irlanda, e para assegurar tal fim han conferir á livre naçom irlandesa todos os direitos de popriedade contra as pretensoms do individuo, com o objectivo de o individuo ser enriquecido pola naçom, e nom pola exploraçom seus semelhantes.



Tendo em perspectiva tam alta e sagrada tarefa para realizar pola Pátria, nom é ajeitado que nós, os da classe trabalhadora, devamos lutar pola liberdade da naçom do domínio estrangeiro, como primeiro requisito para o livre desenvolvimento dos poderes nacionais que a nossa classe precisa? É totalmente ajeitado. Polo tanto o domingo, 16 de Abril de 1916, a bandeira verde de Irlanda será solenemente içada sobre Liberty Hall como

símbolo da nossa fé na liberdade, e como um sinal para todo o planeta de que a classe trabalhadora de Dublin aposta pola causa de Irlanda, e a causa de Irlanda é a causa dumha nacionalidade separada e diferenciada.

Nestes dias de dúvida, desespero e esperança anovada, lançamos a nossa bandeira ao vento, a bandeira dos nossos pais, o símbolo da nossa redenção nacional, luzada brilhando sobre umha Irlanda renacida.





**isca!**

[ le/copia/distribue/difunde! ]